

JORNALISMO GONZO E PARRESÍA NA POLÍTICA:

O texto literário de Hunter Thompson como oposição a Richard Nixon

Gonzo Journalism and *parresía* in politics: The literary text of Hunter Thompson as opposed to Richard Nixon

Eduardo Ritter¹

Resumo:

A coragem da verdade no campo jornalístico é um dos principais preceitos da *parresía* jornalística. Para fazer uso da fala franca, além de abrir mão da retórica e da lisonja, o jornalista precisa se posicionar, abrindo mão da imparcialidade e da busca pela objetividade. Essas atitudes, não tão aceitas no jornalismo cotidiano, é uma das características do Jornalismo Literário. Uma vertente mais radical dessa prática é o jornalismo gonzo, estilo criado pelo norte-americano Hunter Thompson. Com uma narrativa pessoal e autobiográfica, ele jogou bebidas, drogas, mentiras e verdades nas páginas dos principais veículos de comunicação dos anos 1970. Assim, fazendo uso de sua *parresía*, ele levou o estilo gonzo para a cobertura das eleições presidenciais de 1972, que reelegeu Richard Nixon à Casa Branca. A pesquisa aponta, com uma metodologia aberta, como Thompson manteve o tom agressivo do estilo gonzo e a coragem da *parresía* nas reportagens produzidas para a *Rolling Stone* sobre as eleições de 72.

Palavras-chave: Jornalismo gonzo, *parresía*, política.

Abstract:

The courage of truth in the journalistic field is one of the main precepts of journalistic *parrhesia*. In order to make use of frank speech, besides giving up rhetoric and flattery, the journalist must position himself, giving up the impartiality and the search for objectivity. These attitudes, not so accepted in everyday journalism, is one of the characteristics of Literary Reportage. A more radical strand of this practice is gonzo journalism, style created by the American Hunter Thompson. With a personal and autobiographical narrative, he put drinks, drugs, lies and truths on the pages of the mainstream media of the 1970s. Thus, using his *parrhesia*, he took the gonzo style to cover the 1972 presidential elections, which reelected Richard Nixon to the White House. The research points out, with an open methodology, how Thompson kept

¹ Professor adjunto do Departamento de Ciências da Comunicação (Decom) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/FW). Doutor em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) com bolsa Capes/PDSE na New York University (NYU). E-mail: rittergaucho@hotmail.com.

the aggressive tone of the gonzo style and the courage of *parrhesia* in the reports produced for Rolling Stone about the 72 elections.

Keywords: Gonzo journalism, *parrhesia*, *politics*.

Introdução

Nos anos 1970 o jornalista norte-americano Hunter S Thompson (1937-2005) inaugurou um estilo jornalístico que ficaria conhecido como Jornalismo Gonzo. Como aponta Ritter (2018) nessa prática jornalístico-literária, Thompson fez uso de sua *parresía*, ou seja, da fala franca no espaço público assumindo diversos riscos por tal atitude. Mesmo tendo ficado conhecido pela produção de obras como “Medo e delírio em Las Vegas” e “A grande caçada aos tubarões”, em que o consumo de drogas está em primeiro plano, Thompson também teve uma atuação destacada no jornalismo político norte-americano. Assim, o presente artigo tem como tema a atuação parresíastica de Hunter Thompson na cobertura das eleições presidenciais de 1972 quando fez ferrenha oposição a Richard Nixon, reeleito na ocasião para seguir na Casa Branca.

Vale ressaltar que, para tanto, consideram-se os textos de Hunter Thompson sobre política como uma faceta do Jornalismo Literário americano, afinal, o Gonzo é uma “vertente peculiar do Novo Jornalismo, criada pelo americano Hunter S. Thompson através de sua produção para a revista *Rolling Stone* e de seus livros” (VILLAS-BOAS, 2008, p.11). Inclusive, a cobertura de Thompson sobre o processo eleitoral de 1972 surge com o envio do jornalista pela *Rolling Stone* para a capital Washington D.C., sendo que essa experiência também foi publicada em livro, conforme visto ao longo do artigo. Esses textos, aliás, também contam com uma das principais características da prática gonzo, que é o “envolvimento altamente pessoal e irreverente do repórter nos temas sobre os quais escreve, traduzido em forma de narrativa excêntrica” (VILLAS-BOAS, 2008, p.11).

Destarte, estabeleceu-se o seguinte problema de pesquisa: é possível considerar a cobertura política de Hunter Thompson para a *Rolling Stone* sobre as eleições de 1972 como uma prática Gonzo e de *parresía* jornalística? Essa investigação pode ser justificada

pelo contexto vivido pelos Estados Unidos e pelo Brasil, em que um jornalismo mais combativo, questionador e engajado se fazem necessários para a garantia da sobrevivência da democracia e da própria prática de um livre jornalismo. Em carta escrita aos leitores brasileiros, publicada em “Jornalismo Gonzo: mentiras sinceras e outras verdades”, a viúva de Thompson explica a atualidade dos textos do jornalista gonzo. “Como nos Estados Unidos, o Brasil também opera nas costas da classe trabalhadora e o trabalho de Hunter é um antídoto, que motiva e que dá forças para lutar contra a corrupção dos poderosos” (RITTER, 2018, p.13). Assim, essa pesquisa tem como objetivo principal recuperar o trabalho de Hunter Thompson na cobertura das eleições de 1972 salientando como foi feito esse trabalho sob a perspectiva do jornalismo gonzo e da *parresía* jornalística.

Para tanto, inicialmente foi feita uma pesquisa exploratória, fazendo um “mapeamento prévio do terreno a ser explorado durante a pesquisa principal” (MARTINO, 2018, p.95). Posteriormente, foi desenvolvida a pesquisa bibliográfica a partir de leituras sobre o tema para que, metodologicamente, fosse utilizada a pesquisa teórica, que é quando o objetivo da pesquisa “é examinar conceitos, discutindo sua validade, problemas e como eles podem auxiliar a compreender a realidade” (MARTINO, 2018, p.96). Além disso, a pesquisa se caracteriza como sendo qualitativa, pois a preocupação gira em torno dos significados presentes, abandonando o rigor dos números. Ou ainda, utilizam-se procedimentos metodológicos mais abertos, como sugere Machado da Silva: “Uma metodologia, contudo, não pode ser uma camisa de força. Um referencial teórico é uma visão de mundo” (MACHADO DA SILVA, 2011, p.92). Assim, os princípios sobre *parresía* e jornalismo gonzo é que permeiam tais apontamentos.

O estudo divide-se em três etapas principais. Inicialmente é recuperado o conceito de *parresía* jornalística a partir de Ritter (2018), relacionando-a com o jornalismo político. Em um segundo momento são recuperadas as ideias fundamentais de jornalismo gonzo, com ênfase na participação de Hunter Thompson nas eleições para xerife da cidade americana de Aspen, nas montanhas do Colorado. Posteriormente é feita a análise da

participação de Thompson na cobertura das eleições presidenciais de 1972 para, finalmente, serem apresentadas as considerações finais sobre a temática.

1. A relação entre *parresía* jornalística e política

Conforme aponta Ritter (2018), recuperando os estudos de Foucault, o significado de *parresía* sofreu diversas modificações ao longo do tempo. No entanto, bem como fez o referido autor, neste artigo também se optou por se fazer o recorte que define a *parresía* como a fala franca no espaço público em que o emissor desse discurso assume riscos por tal atitude. Assim, o jornalista passa a ser um sujeito apto a desenvolver a sua *parresía*, porém, desde que ele acredite no discurso que está sendo proferido. Ou seja, a *parresía* não admite as técnicas da retórica ou da lisonja como formas discursivas.

Considerando isso, vale ressaltar que a estreita ligação entre aquele que emite o discurso e o seu modo de vida é fundamental para a existência da *parresía*, pois o sujeito que faz uso desse discurso está colocando em palavras o que pensa como se estivesse retirando cada uma delas diretamente de seu eu mais interior, como ocorre no fluxo de pensamento. Ou, como destacou Foucault:

O parresiasta dá sua opinião, diz o que pensa, ele próprio de certo modo assina embaixo da verdade que enuncia, liga-se a essa verdade, e se obriga, por conseguinte, a ela e por ela. Mas não basta. Porque, afinal de contas, um professor, um gramático, um geômetra podem dizer, sobre o que ensinam, sobre a gramática ou a geometria, uma verdade, uma verdade na qual creem, uma verdade que eles pensam. E no entanto, não se dirá que isso é *parresía*. Não se dirá que o geômetra ou o gramático, ao ensinar essas verdades em que creem, são parresiastas (FOUCAULT, 2011, p. 12).

Tudo porque a relação entre o parresiasta precisa misturar a sua própria vida com o discurso público que profere. E, de certa forma, é o que Hunter Thompson fez em seus textos gonzos, como ressaltou Ritter (2018). Afinal, o jornalista estava estritamente ligado com o que escreveu.

A partir disso, surge a questão: e como aplicar o conceito de *parresía* ao jornalismo? Para responder a essa pergunta, Ritter (2018) desenvolveu um conceito de *parresía* jornalística. Segundo o autor, há cinco características principais elencadas a partir da noção de *parresía* que formam o jornalismo parresiástico, que são:

- 1) A fala franca;
- 2) A relação entre o discurso e a forma de vida do jornalista;
- 3) O uso da fala franca no espaço público através de discurso jornalístico (impresso, radiofônico, televisivo ou digital);
- 4) O locutor/jornalista assume riscos para fazer uso dessa fala franca;
- 5) Ato de coragem (RITTER, 2018, p.61)

Ainda conforme o autor vale ressaltar que esses cinco elementos não são pensados isoladamente. Eles se interrelacionam. Eles se ligam, se cruzam e dialogam. Apenas um desses elementos pensados isoladamente não constituem o discurso parresiástico no campo jornalístico. Sendo mais rigoroso: faltando um desses elementos, não há *parresía* jornalística.

Considerando isso, a fala franca é o elemento fundador da *parresía*. Nem sempre o “dizer a verdade” ou o “tudo dizer” vai se constituir em discurso parresiástico. O sujeito pode falar a verdade de diversas maneiras e dizendo tudo. Ele pode dizer a verdade fazendo uso da lisonja e da retórica, dois adversários da *parresía*. E possivelmente essa é a característica que mais facilmente se conecta aos outros quatro elementos:

Para bem garantir a *parrhesía* (a franqueza) do discurso mantido, é necessário que a presença daquele que fala esteja efetivamente sensível naquilo mesmo que ele diz. Ou ainda: é necessário que a *parrhesía*, a verdade daquilo que ele diz, seja selada pela conduta que ele observa e pela maneira como efetivamente vive (FOUCAULT, 2010a, p. 364).

Outro elemento importante é a estreita ligação entre o modo de vida e a fala do jornalista. Isso é fundamental para que haja um discurso parresiástico e é um requisito obrigatório para a prática da *parresía* por jornalistas. Ou seja, o jornalista não pode

defender ideias das quais ele não concorda, pois essa verdade que está sendo dita, essa fala franca, ela deve ser autêntica e deve ser assumida e assinada pelo seu emissor.

Portanto, o jornalista parresiasta não aceita negociar as suas ideias ou aquilo que ele acredita ser verdade. Ele assume esse discurso, nas mais variadas formas jornalísticas e gêneros (comentários, colunas, reportagens opinativas, jornalismo literário, jornalismo gonzo, etc), e ele arca com as consequências do discurso proferido, pois ele acredita nessa verdade, porque essa verdade está inserida nele mesmo.

No entanto, para expor essa verdade, o sujeito precisa ter a coragem de se vincular ao que ele está dizendo e que ele acredita ser a verdade. É a coragem de usufruir o vínculo existente, e nem sempre percebido ou utilizado, da liberdade com o dizer-a-verdade. É só com a coragem que o jornalista vai poder enfrentar o poderoso – seja ele um político, um tirano ou o próprio chefe.

E qual seria a função social de um jornalista parresiasta? Ora, é praticamente a mesma do parresiasta da Grécia Antiga: lutar contra as injustiças do local onde ele está inserido:

[O parresiásta] só tem uma coisa a fazer: voltar-se contra o poderoso. E publicamente, diante de todos, diante do dia, diante daquela luz que os ilumina, ele se dirige ao poderoso e lhe diz qual foi a injustiça que este cometeu. E, nesse discurso da injustiça proclamado pelo fraco diante do poderoso, há ao mesmo tempo uma certa maneira de ressaltar o seu próprio direito, uma maneira também de desafiar o onipotente e, de certo modo, colocá-lo em duelo com a verdade da sua injustiça (FOUCAULT, 2010b, p. 125).

Assim, como é uma prática jornalística, o jornalismo político e literário também passam a se tornar possibilidades para o jornalista exercer a sua fala franca no espaço público para apontar as injustiças e as mazelas da sociedade. Afinal, o jornalista político é, antes de tudo, um jornalista, e possui as mesmas obrigações e possibilidades do que jornalistas que cobrem outras especialidades (MARTINS, 2011). E, bem como o jornalismo, a política também influencia e é influenciada pelas questões que envolvem a sociedade onde ela está inserida. A utilização tanto da política quanto do jornalismo e da literatura foi uma das lições que Anita Thompson aprendeu com o marido morto em 2005:

10

é através da política e do discurso sincero no espaço público que se muda o ambiente em que se vive. Portanto, na sequência, é apresentado brevemente o conceito de jornalismo gonzo com ênfase em como Hunter Thompson utilizou o jornalismo e a *parresía* dentro da política como uma forma de tentar mudar o ambiente em que ele vivia na pequena cidade de Aspen, localizada nas montanhas do Colorado.

2. Jornalismo gonzo: uma possibilidade de *parresía* política

Para entender como Hunter Thompson fez uso do jornalismo gonzo e da *parresía* no campo político é preciso primeiro explicar como surgiu essa prática textual. Conforme explica Ritter (2018), a matéria que deu origem ao jornalismo gonzo foi publicada pela *Scanlan's Monthly* nº 4, do mês de junho de 1970. Nela, Thompson fez uma cobertura atípica sobre o *Kentucky Derby*, que é uma competição de turfe disputada anualmente em Louisville, cidade natal de Thompson. Durante a cobertura, ele e o ilustrador britânico Ralph Steadman apresentaram uma caricatura do público que prestigiava o evento, sem fazer nenhuma menção à corrida de cavalos propriamente dita.

Após a publicação da reportagem, o primeiro registro do uso do termo gonzo relacionado ao jornalismo foi justamente quando o jornalista Bill Cardoso, do *Boston Globe*, escreveu para Thompson: “Eu não sei que diabos você fez, mas você está arrebrandando. Isso é totalmente Gonzo” (MCKEEN, 2008, p. 149). Assim, o termo se popularizou para definir o estilo criado por Hunter Thompson.

Anita Thompson (2007) por sua vez, após o suicídio do marido em 2005, no Colorado, escreveu o livro *The Gonzo Way*, em que apresenta características para se levar uma vida gonzo, sendo que duas delas estão diretamente relacionadas com o pensamento de Hunter sobre política. Um dos itens destacados pela autora que pode ser relacionado fortemente com a participação de Hunter Thompson na eleição para xerife de Aspen, no Colorado, é: a política é a arte de controlar o seu ambiente. Esse item está diretamente relacionado com o segundo, que é: “nós” é a palavra mais importante em política. Tanto no caso das

eleições de Aspen, quanto nas outras intervenções sociais de Thompson, o jornalista não atuava sozinho, pois ele sempre estava mobilizando seus amigos, conhecidos, parceiros e leitores para defender as suas ideias. Acreditando na atuação individual de cada um, formando o “nós”, é que Thompson sempre atuou na política local de Woody Creek, brigando com vizinhos, se candidatando a xerife de Aspen e defendendo algumas pessoas injustiçadas pela polícia do Colorado.

Pensando em mudar as coisas que ele via e não concordava, voltando de Louisville após a cobertura do Kentucky Derby, Hunter focou-se na campanha para xerife no início dos anos 1970. Conforme declaração recuperada pelo biógrafo McKeen, ele dizia nesse período: “Eu quero controlar o meio em que vivo” (MCKEEN, 2008, p. 152). Antes de começar a publicar seus textos sobre a campanha na *Rolling Stone*, de acordo com o amigo do jornalista Ed Bastian, em depoimento a Seymour e Wenner (2007), foi nesse período que Thompson raspou a cabeça a zero para parecer um policial. Para vencer seu adversário, o jornalista adotou um discurso radical, que era proferido sempre acompanhado de um visual caricatural, com óculos escuros e cabeça raspada. Dentre os amigos conclamados para ajudar Thompson na campanha está Oscar Acosta, o advogado que lhe acompanhou posteriormente na viagem que o jornalista fez a Las Vegas e que resultou na publicação de *Medo e Delírio em Las Vegas*. Acosta já havia concorrido ao mesmo cargo em uma cidade da Califórnia e tinha a experiência necessária para auxiliar na campanha de Aspen.

Com a campanha em andamento, faltando apenas um mês para as eleições, Hunter começou a escrever para a revista *Rolling Stone* sobre o processo eleitoral com o texto *Freak Power in the Rockies* (Poder anormal nas montanhas rochosas). Além disso, ele e o seu comitê publicavam matérias pagas no jornal local, o *Aspen Times*. Em um desses textos, Hunter questiona: “Estamos em 1970 – não 1870. Os poderes do escritório do xerife podem estar apontado para outras direções. Por que não?” (THOMPSON, 1998, p. 330). Ele fazia ao conservadorismo assumido pelos xerifes americanos.

Depois da publicação do primeiro artigo na *Rolling Stone*, a mídia nacional passou a se interessar pelo tema. Veículos como *BBC*, *New York Times*, *Los Angeles Times*, *Time Magazine* e outros passaram a mandar repórteres para Aspen para cobrir as eleições. Também curiosos, atraídos pelos textos de Hunter, jovens hippies e outros admiradores passaram a ir à pequena cidade para apoiar o jornalista, afinal, com seus textos, Thompson tornava assuntos políticos acessíveis. “As pessoas diziam, ‘Oh meu Deus, então é isso que realmente está acontecendo?’ Era como espiar por trás da cortina da política em geral” (A.THOMPSON, 2007, p. 57).

Segundo o amigo Tom Benton, o adversário de Hunter, chamado Whitmire, era conhecido pela severidade com que lidava com bêbados e bandidos, no entanto, ele tinha dificuldades em sobre lidar com jovens usuários de drogas, algo que já era conhecido da população naquele começo de anos 1970. Conforme Benton, Whitmire fazia menções constantes ao envolvimento de Hunter com drogas e em confusões públicas. Mas ao contrário do que poderia se esperar – ou do que outra pessoa poderia fazer estando nessa situação – Thompson adotou um discurso favorável ao uso de drogas, mantendo a coerência entre a vida que sempre levou e o discurso proferido na campanha – e ao mesmo tempo nas matérias publicadas na *Rolling Stone*. Fazendo isso, o jornalista deixou claro, através de seus textos e do que ele defendia em sua campanha, que não iria adaptar o seu discurso na tentativa de conquistar mais votos. Assim, com seus textos para a *Rolling Stone*, Thompson conseguiu unir *parresía*, política e jornalismo gonzo.

Bem mais do que a necessidade de se adaptar taticamente ao outro, a meu ver o que caracteriza a *parrhesía*, a *libertas*, é essa adequação do sujeito que fala ou do sujeito da enunciação com o sujeito da conduta. É essa adequação que confere o direito e a possibilidade de falar fora das formas recomendadas e tradicionais, de falar independentemente dos recursos da retórica que, se preciso for, podem ser utilizados para facilitar a recepção daquilo que se diz (FOUCAULT, 2010a, p. 364-365).

Thompson adotou um discurso em que falava aquilo que pensava de maneira totalmente não adequada aos discursos políticos e jornalísticos da época. Além disso, ele estava assumindo um risco bastante alto a partir do momento em que, conforme Wenner e

Seymmoyr (2007), ele passa a ser ameaçado de morte e mesmo assim segue com a campanha e com o mesmo discurso que vinha adotando desde o início do processo eleitoral.

Tanto Hunter, quanto os gregos, quanto qualquer um que pretenda exercer a *parresía* no jornalismo, ou em qualquer outro campo, tem em mente que as leis nada mais são do que regras sociais estabelecidas ao longo dos séculos e que variam conforme interesses, que vão desde objetivos em comum de uma sociedade, até interesses econômicos, mercadológicos ou em favor de um determinado grupo que detém os diversos tipos de poder. Assim sendo, a lei é apenas um dos elementos que aparece na formação do sujeito, e o grau de adaptação ou de adoção dessas normas formais em relação ao seu estilo de vida, atitudes e discursos, varia de uma para outra pessoa. Esse princípio pode ser percebido no seguinte trecho:

O que eu gostaria de mostrar, o jogo metodológico de tudo isso (ou pelo menos de uma parte) é o seguinte: não devemos nos deixar prender ao processo histórico posterior, que se desenvolveu na Idade Média, e que constituiu na juridicização progressiva da cultura ocidental, juridicização que nos fez tomar a lei como princípio geral, que é a das técnicas e tecnologias das práticas do sujeito relativamente a si mesmo, técnicas e tecnologias que são independentes da forma da lei e prioritárias em relação a ela. No fundo, a lei não passa de um dos aspectos possíveis da tecnologia do sujeito relativamente a si mesmo. Ou, se quiséramos, mais precisamente ainda: a lei não passa de um dos aspectos dessa longa história no curso da qual se constituiu o sujeito ocidental tal como hoje se nos apresenta (FOUCAULT, 2010a, p. 101).

Dessa forma, Thompson ingressou no mundo político na tentativa de ter algum controle sobre o ambiente em que estava inserido, tentando moldar as regras sociais a alguns de seus próprios princípios e, para isso, ele precisava contar com o apoio, primeiro, de sua equipe e, segundo, da maioria da população de Aspen. No entanto, Thompson ficou com 44% dos votos válidos e acabou sendo derrotado em um processo eleitoral que ele classificou nas reportagens para a *Rolling Stone* como fraudulento.

Após passar pelas eleições, Thompson partiu para Las Vegas com Acosta e dessa experiência surgiu “Medo e delírio em Las Vegas”. Após a ótima repercussão do livro,

Thompson volta novamente a sua atenção para uma temática que sempre esteve presente em sua carreira e em sua vida: política.

3. A fala franca de Hunter Thompson como oposição a Richard Nixon nas eleições de 1972

O sucesso dos textos gonzo de Hunter Thompson, especialmente após a publicação de “Medo e delírio em Las Vegas”, fez com que a *Rolling Stone* ficasse querendo mais. Foi então que Jann Wenner, proprietário da revista, chamou Hunter e perguntou sobre o que ele gostaria de escrever. A resposta do jornalista foi justamente a última Wenner gostaria de ouvir: política. É assim que Hunter finalmente, depois de ter concorrido a xerife e de frequentemente fazer críticas relacionadas à política em seus textos gonzos, teria a chance de cobrir o assunto diretamente no campo dos acontecimentos. Inicialmente contrariado, Wenner aceitou a ideia e enviou Hunter para Washington para ser o correspondente da *Rolling Stone* na cobertura da campanha eleitoral de 1972. Assim, Hunter, sua primeira esposa, Sandy, e seu filho, Juan, foram para a capital dos Estados Unidos para uma estadia de um ano.

Desconfiado pela aparente inexperiência de Hunter em coberturas políticas, Wenner enviou o repórter Timothy Crouse para ser uma espécie de babá jornalística em Washington. A ordem era para que ele ajudasse Hunter e o ensinasse sobre os atalhos dos bastidores na capital federal. Porém, “ele começou a campanha como babá de Hunter, e no fim das contas, ele que acabou aprendendo e se beneficiando da generosidade e amizade de Hunter” (MCKEEN, 2008, p. 181), afinal, o jornalista gonzo sempre se relacionou facilmente com pessoas de todas as camadas sociais, desde a sua infância e adolescência em Louisville. “Conversar com muita gente, de todos os tipos, das mais variadas origens e com os mais diversos interesses. Essa é a regra número um do jornalista político” (MARTINS, 2011, p47).

Outro elemento a ser considerado é que Thompson chegou para a cobertura das eleições de 1972 sendo um enigma para os demais jornalistas:

Para muitos dos americanos, e certamente para aqueles que estavam dentro da bolha política, a Rolling Stone ainda era um mistério. Alguns assessores políticos olhavam para as credenciais que estavam no pescoço de Hunter e pensavam que Hunter era um membro de alguma banda de rock (bastardos barulhentos, será?) ou que a Rolling Stone fosse uma revista fã do suposto grupo (MCKEEN, 2008, p. 183).

O início do trabalho de Thompson na cobertura eleitoral foi de imediata identificação com o candidato democrata McGovern, que inicialmente estava concorrendo internamente dentro do partido. Wenner lembra que o apoio de Thompson ao candidato começou desde o primeiro encontro com Frank Mankiewics, que era o coordenador da campanha. Nesse encontro, Frank explicou detalhes da proposta para Thompson, que se identificou imediatamente e passou a cobrir a trajetória de McGovern colocando, literalmente, o pé na estrada. Entretanto, como ressalta Wenner, ele levou o seu jornalismo gonzo para essa cobertura política:

Hunter estava com o pé na estrada o tempo todo. A imprensa quase que imediatamente percebeu que ele estava fazendo algo novo, e nós logo descobrimos que seu material estava sendo lido por todos na campanha de McGovern e praticamente por todos os membros da imprensa nacional. Isso colocou Hunter e a Rolling Stone no mapa de uma maneira que nunca havia acontecido (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 155).

McGovern conta aos mesmos autores que ao se lançar candidato à presidência dos Estados Unidos, muitas pessoas o consideraram louco, menos Thompson: “Ele me disse, ‘se um cara quer concorrer para presidente, deixem-lhe fazer isso, pelo amor de Deus’. Então ele ligou para o pessoal da campanha e passou a me seguir dia e noite” (WENNER; SEYMOUR, p. 156). Conforme o então candidato à presidente, às vezes ele e o jornalista faziam viagens sozinhos em um pequeno avião indo para qualquer lugar que estivesse na rota da campanha, sempre acompanhado de Tim Crouse. Durante o trabalho realizado em conjunto, Crouse revela que percebeu outra característica do estilo de Thompson no

jornalismo: ele era um bom ouvinte. Ele sabia captar subtextos, aparentemente insignificantes, e dar o devido valor a cada fala, a cada expressão. Na avaliação de Crouse, Thompson tentava evitar “atitudes aprendidas, ideias recebidas, clichês de todos os tipos, ele preferia tocar em algo que tivesse mais a ver com seu inconsciente, sua visão intuitiva sobre as coisas” (WENNER; SEYMOUR, p. 158). Ou seja, Thompson tentava seguir escrevendo naquele estilo livre de qualquer tipo de preconceito que pudesse alterar a sua forma de escrever, usando a fala franca. E para fazer uso da fala franca, ele seguia atropelando as normas sociais e jornalísticas. Ou seja, tem-se aqui a constatação de que, sim, os textos políticos sobre a campanha de 1972 tiveram as características do jornalismo gonzo.

Além disso, também foram produzidos textos parresíasticos. A não aceitação do *status quo*, de suas normas e do sistema vigente é, conforme abordado anteriormente, uma das principais características do uso da *parresía*. No campo jornalístico, muitos profissionais preferem garantir os seus empregos a se aventurar a cumprir a uma de suas principais funções que é o dizer a verdade. No campo jornalístico, Hunter foi um parresíasta no sentido de quebrar essas normas e de não se acomodar com o discurso imposto pela tolerância, que beneficia justamente aquele que está social, política ou economicamente em vantagem – no caso da campanha, era visivelmente o candidato à reeleição, Richard Nixon. Pois, como foi ressaltado por Foucault (2010b), a tolerância elimina o raciocínio e a discussão, ou seja, beneficia o *status quo*. Caso todos se submetessem ao discurso dominante, não haveria *parresía* e, conseqüentemente, não haveria democracia, pois, “para que haja democracia, é preciso haver *parresía*” (FOUCAULT, 2010b, p. 144). Foi nesse sentido contrário ao discurso hegemônico que Hunter abraçou a campanha de McGovern, mesmo nas prévias, quando ele disputava o direito de concorrer às eleições contra outros quatro pré-candidatos.

Nas prévias, Edmundo Muskie era o favorito. McGovern, por sua vez, iniciou como o último colocado nas pesquisas. Nesse ponto entra a influência direta que a cobertura de Thompson teve nos acontecimentos – não só cobrindo, mas também se

posicionando e se envolvendo na pauta ao ponto de alterá-la (ao contrário do que é recomendado nos manuais de jornalismo). Essa, aliás, é outra importante característica do jornalismo gonzo e parresiasico. Talvez o maior exemplo de influência que Hunter teve, foi quando o jornalista mencionou em uma de suas reportagens que Muskie usava uma droga rara, inventada por um médico brasileiro. Esse alucinógeno se chamava Ibogaine. Ele inventou esse fato para justificar o comportamento estranho do candidato nas primárias Democratas. Como relata o jornalista em vídeo recuperado pelo diretor Alex Gibney, no documentário intitulado *Gonzo: Life and Work of Dr. Hunter S. Thompson*, publicado em 2008, inicialmente ele não acreditava que o resto da imprensa fosse tomar a história como verdadeira, entretanto, os grandes jornais norte-americanos como *New York Times* e *Washington Post* aceitaram a versão de Thompson e reproduziram a história ficcional da Ibogaine (que sequer existia) como verdadeira. O jornalista descreveu os efeitos da droga na matéria: “Brevemente o seu sistema nervoso fica tenso de forma extraordinária, um ataque epilético selvagem o atinge, durando tempo suficiente para ele ficar inconsciente e pronunciar palavras que são interpretadas pelos membros mais velhos do grupo [...]” (THOMPSON, 2005, p. 143). O uso da criação ficcional e imagética na reportagem também coloca o jornalismo gonzo e a cobertura em um campo muito próximo ao literário, até porque o simbolismo é uma das principais características do Jornalismo Literário. “O repórter evidentemente atua na captação e realidades simbólicas e não na realidade primária, biopsicofísica” (MARTINEZ, 2016, p.48). Ou seja, o boato, criado por Thompson, visava chamar a atenção do público para o comportamento estranho do candidato, inclusive, porque ele não imaginava que toda a imprensa daria credibilidade para tal história.

Diante da repercussão do boato, houve a queda de Muskie nas pesquisas, acompanhado de um crescimento de McGovern. Hunter fez com Muskie o mesmo que faria com Nixon: não poupou críticas e xingamentos. A cobertura das prévias ocupa a maior parte das mais de 400 páginas do livro sobre a campanha. Em determinado trecho, ele escreve que “Muskie é um cagalhão que rouba as suas melhores frases de discursos

velhos de Nixon” (THOMPSON, 2005, p. 52). Com o apoio de Thompson, McGovern ganhou as primárias do partido Democrata. O então senador americano ressalta que, apesar da parceria, ele e Thompson tinham muitas diferenças e que o jornalista chegou a lhe dizer: “Você é o melhor do lote ruim” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 159). Frase, essa, que McGovern tomou como um elogio.

Já Al Eisele, que era correspondente do jornal *Knight Ridder* em Washington, salienta em seu depoimento que devido a seu estilo peculiar, Thompson era visto como uma mistura de admiração e medo pelos outros repórteres que estavam cobrindo a campanha:

Eu acho que eles estavam todos perplexos com ele, em primeiro lugar – ele era semelhante a um tipo diferente de animal no corpo de um jornalista – apesar disso, a maioria deles rapidamente apreciaram o fato de que ele era um escritor muito bom. Ele não estava lá apenas para mostrar. A maioria dos grandes escritores mestros do *New York Times* e do *Washington Post* – R. W. Apple e a multidão – de posições mesquinhas passaram a aprender a apreciar e a respeitar ele. Os jovens repórteres, claro, amavam-no (WENNER; SEYMOUR, 2007, P. 160-61).

Vale lembrar que Hunter andava no mesmo ônibus de repórteres do *New York Times*, *Washington Post* e *Boston Globe*. Porém, assim que as matérias começaram a ser publicadas, ele foi deixando a posição de anônimo ou de um estranho no ninho para ser um exemplo a ser seguido.

Lá estava Hunter Thompson, mas poucos dos repórteres sabiam quem ele era. Brevemente, no entanto, alguns dos editores dos maiores diários estavam lendo os despachos de Hunter e perguntando para os seus repórteres: como você não consegue escrever coisas desse tipo? Os repórteres liam o que Hunter escrevia sobre os candidatos-coisas que eles pensavam, mas que nunca escreveriam... não em um jornal de família... e desenvolviam um respeito silencioso por aquela criatura barulhenta que estava no fundo do ônibus (MCKEEN, 2008, p. 186).

Ou, possivelmente, não escreviam por falta de coragem – que é um dos vértices para que ocorra o discurso parresíastico. Inclusive, ele critica os seus colegas na própria cobertura, quando comenta, por exemplo, o tratamento que estavam dando ao pré-

candidato Eagleton. Segundo Hunter, todos os jornalistas sabiam que o político era um bêbado incorrigível que apresentava sérios sintomas de problemas mentais, “mas nenhum dos jornalistas jamais escreveu sobre isso” (THOMPSON, 2005, p. 14). Assim, além de adotar a fala franca diante do político, ele ainda denunciou a apatia de seus colegas jornalistas – fato que o colocava ainda mais à margem, na visão dos poderosos e dos homens de imprensa. “Ao contrário da maioria dos outros correspondentes, eu poderia queimar todas as pontes que ficassem para trás – pois ficaria lá por um ano, e a última coisa com o que eu me preocuparia era com as conexões de longo prazo” (THOMPSON, 2005, p. 14). Eis, então, outro elemento que geralmente compromete ou ameaça a fala franca no jornalismo: o sujeito que cobre política, muitas vezes não fala o que pensa ou o que sabe, para não perder as suas fontes. Assim, o jornalista apresenta na sua matéria os seus dois objetivos da ida à Washington. O primeiro era aprender sobre os mecanismos de uma disputa presidencial e o segundo era escrever sobre isso da mesma forma que ele escreveria sobre qualquer outra coisa (THOMPSON, 2005).

Jann Wenner afirma que, com o sucesso dos textos de Thompson, que tinha aproximadamente um milhão de leitores, toda a revista passava a se programar em função do material enviado de Washington. Sarah Lazin, que era editora assistente da *Rolling Stone* no período, destaca que tentava checar os fatos das matérias enviadas por Thompson, porém, elas sempre chegavam praticamente em cima dos prazos de fechamento, fazendo com que ela passasse a madrugada trabalhando nos textos dele.

Como no caso da droga Ibogaine, envolvendo Edmund Muskie, houve situações em que o texto chegava tão atrasado que não havia tempo hábil para fazer uma checagem aprofundada. No entanto, o material que chegava mantinha a característica gonzo de ser, geralmente tratando sobre a agonia que o jornalista sentia para reportar uma história tendo prazos apertados para entregá-la.

Crouse, o repórter-babá, destacou que Thompson tinha total liberdade para descrever a campanha da maneira que ele a estava vivendo. O jornalista contava tudo o que via: “o miserável hotel, o tédio do ônibus de imprensa, as mentiras calculadas pelas

secretárias de imprensa, a agonia de escrever sobre a campanha quando isso parecia uma coisa sem esperança, maçante e sem sentido” (MCKEEN, 2008, p. 192). Vendo como as coisas funcionavam, Thompson passou cada vez mais a não querer ser como os outros caras do ônibus.

“Caras que escrevem o que o candidato disse e reporta aquilo quando eles sabem muito bem que o candidato está mentindo”, ele falou para a Newsweek. “Metade das conversas no ônibus da imprensa é sobre quem mentiu para quem hoje, mas ninguém jamais imprime a verdade sobre as malditas mentiras” (MCKEEN, 2008, p. 192).

Era isso que Hunter não fazia: se submeter ao jogo da lisonja no campo jornalístico, que é uma das características opostas à *parresía* jornalística. Vale ressaltar mais uma vez o problema da lisonja desde o período da Grécia Antiga, pois o mesmo ocorre no jornalismo contemporâneo:

[...] o problema da lisonja oposta à *parresía* foi um problema político, um problema teórico e um problema prático, algo enfim que foi sem dúvida tão importante nesses oito séculos quanto o problema ao mesmo tempo teórico e técnico da liberdade de imprensa ou da liberdade de opinião em sociedades como a nossa (FOUCAULT, 2010b, p. 274).

O mesmo vale em relação ao segundo inimigo da *parresía* – a retórica – que, conforme Foucault (2010b), deve ser evitada pelo parresiasta. Não para expulsá-la ou excluí-la, mas sim, para se ver livre de suas regras. Isso pode ser percebido nas narrativas políticas de Thompson: são textos que se distanciavam da lisonja e não ficavam presos nas técnicas da retórica. “Oposição, combate, luta contra a lisonja. Liberdade, liberação em relação à retórica” (FOUCAULT, 2010b, p. 335), eis algumas pré-condições da *parresía*. Ou seja, o jornalista lisonjeador apenas reforça o *status quo*, e o faz por interesse próprio. O mesmo faz o jornalista que elogia uma empresa ou um candidato, e depois vai trabalhar na assessoria do lisonjeado; é o jornalista que não se valoriza, que, nas palavras de Foucault, não tem coragem, ou, nas palavras de Thompson, não tem colhões.

Entretanto, mesmo com o apoio de Thompson e da Rolling Stone, McGovern não se elegeu, perdendo para Richard Nixon, que na ocasião foi reeleito presidente dos Estados Unidos. Cargo que ocupou até o caso de Watergate, que resultou na renúncia de Nixon no dia 9 de agosto de 1974. Durante todo esse tempo, Thompson seguiu fazendo oposição a Nixon.

Em um memorando, publicado de forma inédita na pesquisa feita por Wenner e Seymour (2007), Thompson faz algumas observações sobre o jornalismo que praticou na cobertura eleitoral de 1972, que viriam a formar o livro *Fear and Loathing on Campaign*, destacando o quanto há de subjetivo nas informações prestadas pelos jornalistas quando, por exemplo, escolhe-se citar no texto que havia duas mil pessoas em determinado comício ao invés de 612: “Eu ainda insisto que ‘objetividade jornalística’ é um termo contraditório” (WENNER; SEYMOUR, 2007, p. 167). Nesse memorando, Thompson também expõe a sua antipatia em relação a Richard Nixon, destacando que não consegue nem um animal, muito menos um ser humano. Além disso, ele deixa claro que Nixon representa tudo aquilo que ele mais odeia: o conservadorismo, a soberania do poder estabelecido, a rigidez das normas, a antipatia e o esnobismo. Foi assim que, fazendo uso da sua *parresía* e do jornalismo gonzo que Thompson cobriu e fez oposição a Richard Nixon até ele deixar a Casa Branca.

Considerações finais

Hunter Thompson foi um dos jornalistas mais polêmicos e comentados do Novo Jornalismo americano e do Jornalismo Literário ocidental. O seu estilo irreverente, irônico, cômico e agressivo sempre chamou a atenção dos leitores dos maiores veículos americanos para o qual escreveu, desde as revistas *Rolling Stone* e *Playboy*, os jornais *Chicago Tribune* e *New York Times*, até o site do canal esportivo ESPN no final da sua vida. E a política sempre esteve presente nesses textos, inclusive quando o assunto era esporte. Conforme aponta Ritter (2018), após o processo eleitoral de 1972, Thompson fez

oposição ferrenha a Richard Nixon até a sua renúncia à Casa Branca. Depois, acompanhou outros processos eleitorais, entrevistando Bill Clinton na campanha de 1992 e criticando a política de George W. Bush durante todo o seu governo. Aliás, ao longo de seus 67 anos de vida, Thompson foi um forte opositor ao conservadorismo do partido Republicano.

Assim, retomando o problema de pesquisa apresentado inicialmente, concluímos essa etapa ressaltando que Thompson não abdicou de seu estilo gonzo nos textos que produziu ao longo do processo eleitoral americano de 1972. Ele seguiu sendo o personagem principal da narrativa, continuou usando palavrões e humor para contar o que estava acontecendo, tomou partido, mesmo que isso viesse a desagradar uma parcela significativa de leitores (afinal, a maioria votou em Nixon). Também não escondeu o uso de bebidas e drogas no processo de apuração e, principalmente, fez uso da sua *parresía*, falando francamente em público e arriscando o seu emprego e a sua vida por adotar um discurso em que falava a verdade na qual acreditava.

Por todo o contexto e por todas as reflexões apresentadas ao longo deste artigo, considero atual e importante para o campo jornalístico – e em especial, para o jornalismo político – os textos jornalísticos e literários de Hunter S. Thompson. Como o jornalista disse certa vez, as verdades quase nunca são ditas antes da meia-noite (MCKEEN, 2008). Ou seja, Thompson, acompanhando a política em Washington, sabia quando os políticos estavam falando um discurso meramente retórico nas entrevistas oficiais. Ele sabia quando o sujeito falava aquilo que o público gostaria de ouvir, mas sem acreditar naquilo que estava sendo dito. E não só sabia, como apontava e criticava esses políticos. No mesmo sentido, ele não guardava segredos sobre o que acontecia nos bastidores. Justamente por isso, Thompson rapidamente passou a ser respeitado e admirado pelos outros jornalistas que também estavam em Washington, mas que não podiam publicar o que ouviam sem a autorização das fontes ou de seus chefes, pois se o fizessem, corriam o risco de perder a fonte ou o emprego.

Há duas hipóteses para que o mesmo não ocorra hoje, nem no Brasil, nem nos Estados Unidos. Primeiro, a indústria das assessorias de imprensa cresceu muito no cenário político. É praticamente impossível um jornalista conseguir penetrar nos bastidores da política brasileira ou americana sem passar pelas assessorias. Mesmo quando consegue, ele tem que abrir mão da verdade, da fala franca, enfim, da *parresía*, pois se publicar tudo o que sabe e falar tudo o que pensa, logo suas credenciais de imprensa são retiradas. Segundo, os jornalistas que têm acesso a essas informações repetem o mesmo erro cometido pelos outros caras do ônibus de Washington D.C. de 1972: eles acham que aquilo que sabem não vai interessar ao público. Como estão inseridos na rotina de uma capital federal, eles perdem a capacidade de estranhamento, algo que foi fundamental para que Thompson ficasse curioso acerca do que estava acontecendo. O que era comum para os outros (como a negociação de votos ou um encontro na madrugada entre dois políticos), para Thompson era algo a ser comentado.

Por fim, ressalta-se que esse artigo é uma etapa importante de uma pesquisa maior desenvolvida pelo autor sobre jornalismo gonzo, Hunter Thompson e o conceito de *parresía* jornalística. Espera-se que este e outros estudos que seguem o mesmo caminho possam incentivar outros pesquisadores a garimpar a carreira de jornalistas que não se intimidam diante da autoridade e, parafraseando o jornalista brasileiro Fausto Wolff (1940-2008), não saltam no colo dos poderosos como *poodles* de madames. Jornalistas como os próprios Wolff e Thompson mostram o caminho. Resta aos novatos na profissão seguir os seus passos e construir as suas próprias trajetórias de resistência. Afinal, tanto Richard Nixon e George Bush, nos Estados Unidos, quanto Ernesto Geisel e Fernando Collor no Brasil, encontraram substitutos à altura no quesito conservadorismo e fascismo nas figuras de Trump e Bolsonaro. Agora, resta ao jornalismo norte-americano e brasileiro dar a resposta com jornalistas à altura de Wolff e Thompson para equilibrar a balança da democracia.

Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes, 2010b.

_____. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2010c.

GONZO: Life and Work of Dr. Hunter S Thompson, The. Direção: Alex Gibney. Filadélfia: Diverse Productions, 2008. 120 min. Color. 1 DVD.

MACHADO DA SILVA, Juremir. **O que pesquisar quer dizer** – como fazer textos acadêmicos sem medo da ABNT e da Capes. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação** – projetos, ideias, práticas. Petrópolis: Vozes, 2018.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário** – Tradição e inovação. Insular: Florianópolis, 2016

MARTINS, Franklin. **Jornalismo político**. São Paulo: Contexto, 2011.

MCKEEN, William. **The outlaw journalist** – the life and times of Hunter S. Thompson. New York: W.W. Norton & Company, 2008.

RITTER, Eduardo. **Jornalismo gonzo** – Medo, delírio, mentiras sinceras e outras verdades. Florianópolis: Insular, 2018.

VILLAS-BOAS, Sergio. **Jornalismo literário** – um percurso filosófico. São Paulo: ABLJ, 2008.

WENNER, Jann S.; SEYMOUR, Corey. **Gonzo**: the life of Hunter S. Thompson. New York: Back Bay Books, 2007.

THOMPSON, Anita. **The gonzo way** – A celebration of Dr. Hunter S. Thompson. Golden, Colorado: Fulcrum Publishing, 2007.

_____. **Fear and loathing on the campaign trail '72**. New York: Happer Perennial, 2005.

_____. **The proud highway** – Saga or a desperate Southern gentleman. New York: Ballantine Books, 1998.